

CAPÍTULO III: CAMPOS DO APOSTOLADO

9. INTRODUÇÃO

O leigo, por sua vocação, está inserido no mundo e na Igreja, simultaneamente. São João, evocando a oração sacerdotal de Cristo, confirma: “*Não quero que os tire do mundo [...] para que sejam um, como nós somos um*” (cf. Jo 17, 15-22). São enviados como predecessores para anunciar a Boa Nova, abrindo espaço para o Reino de Cristo na terra (cf. Lc 10, 1ss). Deve penetrar em todo o tecido humano. O Decreto, como numa atitude profética, arrola a mulher na missão de transformar o mundo. Vejamos:

“Os leigos exercem o seu apostolado multiforme tanto na Igreja como no mundo. Em ambos os planos se abrem vários campos de atividade apostólica de que queremos aqui lembrar os principais. São: as comunidades eclesiais, a família, a juventude, o meio social, as ordens nacional e internacional. E como hoje a mulher tem cada vez mais parte ativa em toda a vida social, é da maior importância que ela tome uma participação mais ampla também nos vários campos do apostolado da Igreja”¹.

10. AS COMUNIDADES DA IGREJA

Pelo Batismo, participamos do múnus de Cristo. Ele não só confere o selo de Jesus, mas nos habilita para a vida missionária, fornecendo todos os requisitos para participar da transformação do mundo, como santificação (sacerdócio), anúncio da Palavra (profeta), reger e organizar o povo de Deus (rei). A Igreja não é só orante nem só operante. As duas coisas se completam: “ora e trabalha”. É uma Igreja contemplativa enquanto operativa. O apostolado dos leigos é dinâmico. É um grupo de saída. Atendidas as exigências formativas, os leigos estão sempre a caminho, desalojando-se para encontrar os que estão afastados do redil, seguindo o Cristo: “*Devo anunciar também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus*”². Olhem como o *Apostolicam Actuositatem* exorta os leigos:

“Porque participam no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm os leigos parte ativa na vida e ação da Igreja. A sua ação dentro das comunidades eclesiais é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, a maior parte das vezes, todo o seu efeito. Porque os leigos com verdadeira mentalidade apostólica, à imagem daqueles homens e mulheres que ajudavam Paulo na propagação do Evangelho (cf. At. 18, 18, 20; Rm. 16, 3), suprem o que falta a seus irmãos e revigoram o espírito dos pastores e dos outros membros do povo fiel (cf. 1Cor. 16, 17-18). Pois eles, fortalecidos pela participação ativa na vida litúrgica da comunidade, empenham-se nas obras apostólicas da mesma. Conduzem à Igreja os homens que porventura andem longe, cooperam intensamente na comunicação da palavra de Deus, sobretudo pela atividade catequética, e tornam mais eficaz, com o contributo da sua competência, a cura de almas e até a administração dos bens da Igreja”³.

¹ AA, n. 9

² Cf. Lc 4, 43

³ AA, n. 10

Todo o apostolado, como serviço da Igreja que de fato o é, precisa seguir o Magistério da Igreja, em obediência e fidelidade, como membro vivo para produzir frutos: *“Permaneço em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto, porque, sem mim, nada podeis fazer”*⁴.

Por mais criativo que seja o leigo, toda a sua ação apostólica está subordinada à hierarquia. Os pastores são assistidos pelo Espírito Santo e falam em nome da Igreja, os leigos os obedecem. Se por acaso algum pastor se afasta do reto caminho da Igreja, cabe ao colégio episcopal o dever de o reconduzir, depois de criteriosa reflexão, ou desligá-lo do ministério. Todo apostolado é alimentado pelo zelo litúrgico, primeiro se coloca a serviço, pelas celebrações da Igreja, depois, trabalha. Primeiro reza, depois age. Rezar com a Igreja e não com qualquer dirigente.

O aprendizado apostólico começa na Paróquia, experiência do discipulado. Sem esses primeiros passos o restante corre o risco de um “autodidata”, como alguém que fala por si mesmo. É pela troca de experiência que o apostolado amadurece e produz frutos. A Paróquia é a primeira escola do laicato para servir na unidade. O Concílio Vaticano II enaltece a experiência paroquial:

A paróquia dá-nos um exemplo claro de apostolado comunitário porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja. Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens, para que se examinem e resolvam no confronto de vários pareceres. Acostumem-se, por fim, a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças. Cultivem o sentido de diocese, de que a paróquia é como que uma célula, e estejam sempre prontos, à voz do seu pastor, a somar as suas forças às iniciativas diocesanas. Mas, para responder às necessidades das cidades e das regiões rurais, não confinem a sua cooperação dentro dos limites da paróquia ou da diocese, mas esforcem-se por estendê-la aos campos interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional. Tanto mais que a crescente migração de povos, o incremento de relações mútuas e a facilidade de comunicações já não permitem que parte alguma da sociedade permaneça fechada em si. Assim devem interessar-se pelas necessidades do Povo de Deus disperso por toda a terra. Em primeiro lugar, façam suas as obras missionárias, prestando auxílios materiais ou mesmo pessoais. Pois é dever e honra dos cristãos restituir a Deus parte dos bens que d'Ele recebem.

Concluindo esta reflexão introdutória do Capítulo III do *Apostolicam Actuositatem*, a igreja precisa dos leigos para continuar a Evangelização, a Paróquia é a primeira experiência do apostolado, a Diocese congrega o povo de Deus à unidade, a obediência à hierarquia garante os frutos da Boa Nova.

⁴ Jo 15, 4-5